O FENÓMENO DO QUEÍSMO NO FALAR BRACARENSE: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

'QUEÍSMO' IN THE SPEECH OF BRAGA: A SOCIOLINGUISTICS STUDY

Ana João Herdeiro
UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL
ana.joao.herdeiro@gmail.com

Pilar Barbosa
UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL
pbarbosa@ilch.uminho.pt

Neste estudo, investiga-se o fenómeno do queísmo no português falado no Norte de Portugal. Tendo por base 44 entrevistas do *corpus* do 'Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense', procura-se determinar quais os principais fatores que condicionam a presença/ausência da preposição introdutora de complementos oracionais oblíquos finitos, selecionados por predicadores verbais, nominais e adjetivais. Procede-se a uma análise multifatorial, envolvendo três variáveis linguísticas – categoria gramatical do predicador, preposição e subtipo de verbo – e duas variáveis extralinguísticas – idade e escolaridade dos falantes. Os resultados comprovam que a omissão da preposição é a opção preferida pelos falantes e que a variável 'preposição' é a mais significativa. O queísmo ocorre, sobretudo, com as preposições puramente gramaticais *de* e *em,* pelo que se apresenta uma hipótese de explicação que se baseia no pressuposto de que tais preposições são marcadoras de Caso e de que as orações de tempo finito, contrariamente às expressões nominais, não necessitam de Caso abstrato.

Palavras-chave: queísmo, português europeu, variação sociolinguística, complementos oracionais oblíquos finitos, teoria do caso.

In this study, we investigate which factors can influence the phenomenon of *queísmo*, i.e., the omission of the preposition before oblique finite complements, in 44 interviews taken from the *Sociolinguistic Profile of the Speech of Braga*, a *corpus* of spoken contemporary Portuguese. The study consists in a multifactorial analysis involving three linguistic variables — category of the selecting predicate, preposition and subtype of verb — and two extralinguistic variables — age and level of education of the speakers.
Our results show that *queísmo* is indeed the preferred option. Choice of preposition is the most significant variable, with high rates of *queísmo* for purely grammatical prepositions such as *de* and *em*. The explanatory account given for this phenome-

non is based on the assumption that the prepositions in question are Case markers. Finite clausal complements, unlike noun phrases, do not need Case and this is why they do not require the presence of the preposition.

Keywords: *queísmo*, European Portuguese, sociolinguistics variation, finite oblique clausal complements, case theory.

0. Introdução

A presente investigação tem como tema e objeto de análise o fenómeno do queísmo(1) no falar bracarense, estudado aqui sob uma perspetiva sociolinguística variacionista. Para melhor conhecermos as condições em que surge e quais as explicações apontadas para o fenómeno na literatura produzida até ao momento, recorremos a trabalhos desenvolvidos por Mollica (1989; 1991; 1995), Peres e Móia (1995), Arim (2008) e Barbosa (2013). Importa salvaguardar que, contrariamente ao espanhol e ao português brasileiro, ainda não existem estudos suficientemente aprofundados sobre o queísmo para o português europeu; além disso, segundo pudemos averiguar, nenhum dos trabalhos que versam sobre o tema é de cariz sociolinguístico. Esta foi, aliás, uma das principais razões que motivaram o presente estudo, aliada à necessidade de se comprovarem ou infirmarem determinadas possibilidades e tendências já indicadas por alguns autores e, assim, tentarmos colmatar a lacuna existente no estudo de um fenómeno (cada vez mais) comum e difundido entre os falantes.

Propomo-nos, então, analisar o funcionamento das construções queístas, em registo oral, no português europeu contemporâneo, mais especificamente, no dialeto bracarense, com o propósito de conhecermos e entendermos o seu comportamento relativamente a três variáveis linguísticas – categoria gramatical do predicador, preposição e subtipo de verbo – e duas variáveis extralinguísticas – idade e escolaridade.

Para compreendermos quais destas variáveis se apresentam mais significativas e quais os principais fatores que justificam e condicionam a coocorrência de duas construções – com ou sem preposição – na introdução de

(1) Não examinaremos, nesta investigação, o fenómeno inverso do queísmo – o denominado "dequeísmo"—, que consiste na inserção supérflua da preposição *de* antes de uma oração completiva finita. Tanto quanto pudemos observar, as ocorrências de 'dequeísmo' na fala são escassas, pelo que entendemos que se trata de um fenómeno qualitativamente distinto do queísmo.

complementos oracionais oblíquos finitos selecionados por predicadores verbais, nominais e adjetivais, servimo-nos do *corpus* do *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense* (PSFB), como base para a recolha e análise dos dados.

Começaremos, então, por dedicar uma secção à descrição e explicação do fenómeno do queísmo, apresentando, de seguida, a metodologia adotada no estudo – informações sobre o *corpus* do PSFB, método de recolha dos dados e questões de investigação –, os resultados obtidos por variável e, finalmente, a discussão acerca da pertinência dos mesmos para o entendimento do fenómeno.

1. O fenómeno do queísmo

Entende-se por queísmo a omissão de preposição(2) antes da conjunção-complementador *que* em complementos oracionais oblíquos finitos(3), selecionados tanto por predicadores verbais (1) como por predicadores nominais (2) ou adjetivais (3):

(1) O professor **aconselhou**-te *que estudasses mais*.(4) (vs. **aconselhou**-te *a que*…)
(2) Tenho a **sensação** *que o exame vai ser difícil*. (vs. tenho a **sensação** *de que*…)
(3) Eles estão **ansiosos** *que comecem as férias*. (vs. estão **ansiosos** *por que*…)

A possibilidade de supressão da preposição em construções com a estrutura [verbo/nome/adjetivo + preposição + complemento oracional finito] pode ser confrontada com a presença obrigatória da mesma preposição quando os predicadores se combinam com argumentos nominais (4) ou com argumentos oracionais infinitivos (5):

(4) a. O Paulo **gosta** *de elogios*.
b. *O Paulo **gosta** *elogios*.

(2) O fenómeno do queísmo é tipicamente associado a construções com a preposição *de*. Neste estudo, a noção de queísmo é alargada a qualquer preposição (*de, a, em, com, por, para*…) que introduza um complemento oracional oblíquo finito selecionado por um predicador.

(3) Neste estudo, apenas analisaremos as orações completivas oblíquas de tipo declarativo, excluindo as de tipo interrogativo, como em "Não me informaram ainda *(de) [se o avião vem a horas]" ou "Não me lembro (de) [onde pus as chaves]".

(4) Assinalamos a **negrito** o predicador e a *itálico* o argumento oblíquo.

(5) a. O Luís **esqueceu**-se *de dar os parabéns à irmã*.
b. *O Luís **esqueceu**-se *dar os parabéns à irmã*. (Peres e Móia, 1995: 112, 114)

Apercebemo-nos, então, de que, em frases como (4b) e (5b), "a agramaticalidade resultante da supressão da preposição com argumentos nominais [e oracionais infinitivos][(5)] não suscita geralmente dúvidas a qualquer falante nativo do português" (Barbosa, 2013: 1889). No entanto, frases como as expostas nos exemplos (1-3) estão sujeitas a grandes oscilações no uso e nos juízos dos falantes: "estes dividem-se quanto à obrigatoriedade ou opcionalidade do uso da preposição, encontrando-se, inclusivamente, variação no mesmo falante" (*idem*: 1888).

Mesmo sendo especialmente frequentes na oralidade (mas também em registo escrito), as construções queístas são ainda tidas por alguns autores como desviantes à norma-padrão ou, então, preteridas em favor das construções que conservam a preposição. Veja-se, a este respeito, o posicionamento de Peres e Móia: "(…) dado que o nosso principal critério para ajuizar da gramaticalidade de uma estrutura é precisamente a sua aceitação por parte dos falantes, não consideramos as estruturas em causa malformadas ou agramaticais, embora prefiramos aquelas em que não houve supressão." (Peres e Móia, 1995: 111).

J. Peres e T. Móia explicam, então, as razões da sua preferência, apontando como principal argumento a analogia com construções em que a presença de preposição é obrigatória, ou seja, construções em que os predicadores (verbais, nominais ou adjetivais) selecionam argumentos nominais ou argumentos oracionais infinitivos, tal como se demonstrou, anteriormente, nos exemplos (4) e (5).

Contudo, este argumento não parece ser suficiente para justificar o uso de preposição, como defende Arim (2008: 48), ao notar que "se de acordo com este argumento a construção correta é 'gosto de que me façam elogios', pelo mesmo motivo deveria estar de acordo com a norma padrão do português uma construção como 'aposto em que Portugal chega à final', o que não corresponde à realidade". De facto, não só o verbo *apostar*, mas também *acreditar* ou *pensar*, evidenciam, por um lado, obrigatoriedade da preposição *em* quando acompanhados de complementos nominais (6c) e revelam, por outro, a supressão da preposição em complementos oracionais finitos como a opção preferida (ou até a única admitida) pelos falantes

(5) Acrescento nosso.

(6b), causando a sua presença um elevado grau de estranheza e inaceitabilidade entre os mesmos (6a):

(6) a. ??Não **acredito** *em que ela venha.*
b. Não **acredito** *que ela venha.*
c. Não **acredito** *nisso/*isso.* (Barbosa, 2013: 1872)

2. Hipóteses explicativas para o fenómeno

Nesta secção, apresentamos as propostas de explicação avançadas nos escassos estudos prévios sobre o queísmo em português e introduzimos a nossa própria proposta, baseada no quadro da Teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1995).

2.1. Estudos prévios

J. Peres e T. Móia (1995: 113) declaram não parecer haver "qualquer razão estrutural" para que a preposição "seja suprimida antes de argumentos oracionais finitos", pelo que "a justificação para esta supressão parece ser apenas a do uso, correspondendo a uma estratégia de simplificação de estrutura, que é certamente – e felizmente – uma lei operante nas línguas naturais". Os autores salientam, ainda, que "a aparente evolução do português no sentido de dispensa de preposições para a introdução de complementos oracionais finitos aproximará esta língua (…) de línguas em que o emprego de preposições nesta função é aparentemente nulo, como é o caso do inglês" (*idem*: 114). No entanto, entendemos que não faz sentido considerar este fenómeno uma "evolução", tendo em conta que ele é já bastante antigo, achando-se bem documentado no galego-português, até mesmo na linguagem literária: "Chegou recado ao conde que fosse aas cortes" (*Crónica de 1344*), "aviam fe que este enfermo podia seer são" (*Diálogos de S. Gregório*), "Nembrou-se que seu sobrĩho vendera" (*Diálogos de S. Gregório*)[(6)]. Como vemos, as construções queístas estão presentes no sistema linguístico, em coocorrência com as não-queístas, desde a génese da língua.

(6) Os exemplos citados devem-se a um revisor anónimo, a quem deixamos aqui os nossos agradecimentos.

Por sua vez, Mollica (1991)[7] conclui que o queísmo é regulado por três princípios: analogia, processamento e iconicidade. O primeiro pressupõe que as estruturas queístas são motivadas por 'cruzamento sintático' de duas formas linguísticas relacionadas sintática e semanticamente em que uma delas rege preposição (7b) e a outra não (7a), originando, assim, uma construção queísta (7c), tal como já fora proposto por Rabanales (1974) para o espanhol:

(7) a. **Espero** *que venga mañana*.
b. Tengo la **esperanza** *de que venga mañana*.
c. Tengo la **esperanza** *que venga mañana*. (Rabanales, 2005: 26)

O segundo princípio admite que existem condicionamentos de caráter psicolinguístico que influenciam as construções queístas, sobretudo em relação ao parâmetro 'distância', "caracterizado pela relação de localização entre verbo, nome, expressões em geral e fronteira sentencial apresentando 'Ø que' ou 'de que'" (Mollica, 1991: 44). Assim, a autora conclui que a existência de "material interferente entre o núcleo (…) da matriz e a fronteira da subordinada" dificulta o processamento do fluxo informacional e, por isso, propicia a "emergência de estruturas com 'de que'" (*idem, ibidem*).

O terceiro princípio espelha o valor semântico-comunicativo de 'de que', hipótese já proposta e defendida por García (1986), em que se considera que "usar *de* delante de *que* implica (…) um distanciamiento del hablante respecto del contenido de la proposición." (García, 1986: 123, *apud* Mollica, 1991: 46), ou seja, a variante 'Ø que' deverá ocorrer em "fatos reais, reconhecidos, concretos e presentes" (Mollica, 1991: 46), relacionada com "um sujeito 'próximo' ao enunciado" (*idem*: 47); por seu turno, a variante 'de que' ocorre em "enunciados de fatos hipotéticos (…) em opinião duvidosa" (*idem*: 46), revelando um "sujeito 'distante e/ou não comprometido' com o conteúdo proposicional" (*idem*: 47).

Por fim, destacamos o estudo de Arim (2008) sobre as construções queístas (com predicadores verbais) no português europeu (PE), em dicionários portugueses e no discurso dos meios de comunicação social, o qual aponta como principais fatores explicativos e favoráveis ao queísmo o tipo

(7) Este artigo expõe alguns dos resultados apurados pela autora na sua investigação de tese de doutoramento (*vide* Mollica, 1989). Veja também Mollica (1995) para conhecer uma versão mais extensa e aprofundada do seu estudo sobre o '(de)queísmo'.

de preposição e o tipo de verbo. Por ser a análise mais aprofundada que encontrámos sobre este fenómeno no PE atual e aquela que, por apresentar um estudo realizado a partir de um *corpus*, mais se aproxima à nossa, iremos segui-la de perto durante o presente trabalho, como base de comparação com os nossos resultados, razão pela qual não irá ser agora desenvolvida neste ponto.

2.2. Uma hipótese de explicação

No quadro da Teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1995), a distribuição dos sintagmas nominais (SN) é regulada, em parte, pelo chamado **Filtro do Caso**. Um SN necessita de "receber" Caso para que uma estrutura em que ocorre seja bem formada. As categorias atribuidoras de Caso são, entre outras, a Flexão (Caso Nominativo), V (Caso Acusativo) e P (Caso Oblíquo). Os nomes e os adjetivos não atribuem Caso. Considerem-se, neste contexto, os exemplos seguintes:

(8) O João sabe isso.
(9) a. *Eu tenho a **certeza** *isso*.
b. *Eu estou **certa** *isso*.

No exemplo (8), o SN *o João* recebe Caso Nominativo da Flexão verbal e o pronome *isso* recebe Caso Acusativo de V. Os exemplos de (9) são agramaticais porque o pronome *isso* não recebe Caso. Assim, torna-se necessário inserir uma preposição para que o complemento possa receber Caso Oblíquo. Em português, nos casos em que o nome ou adjetivo não rege uma preposição particular, a preposição inserida por omissão é a preposição *de*:

(10) a. Eu tenho a **certeza** *disso.*
b. Eu estou **certa** *disso.*

A preposição *de* tem, assim, a função meramente formal de atribuir Caso e é vazia de sentido. Não obstante, há nomes, adjetivos e verbos que regem preposições particulares, como 'confiar em alguém', 'ter fé em alguém' ou 'estar contente com alguma coisa'.

O Filtro do Caso aplica-se a expressões nominais e, em princípio, nada obriga a que se aplique às orações. Com efeito, o que se observa é que, sempre que a oração é de tempo finito, os falantes dispensam a presença da

preposição. A explicação para este fenómeno é, assim, simples: por hipótese, as orações de tempo finito não necessitam de Caso, contrariamente às expressões nominais.

Note-se que já o mesmo não se aplica às orações infinitivas. Estas têm um comportamento semelhante ao das expressões nominais, na medida em que exigem a presença da preposição mesmo nos casos em que esta não é regida e é vazia de significado:

(11) a. Eu não tenho a **certeza** **(de) ter guardado as chaves na gaveta.*
b. Eles estão **orgulhosos** **(de) ter tido boa nota.*
c. Eles **gostam** **(de) nadar.*

Em face destes dados, conclui-se que, em português, as orações infinitivas necessitam de Caso, no que se aproximam das expressões nominais e se afastam das orações de tempo finito.

Esta perspetiva conduz-nos, como é evidente, a uma visão diametralmente oposta à de Peres e Móia (l995:113): há razões estruturais para que a preposição seja suprimida antes de argumentos oracionais finitos; o chamado 'queísmo' será afinal um fenómeno natural, que decorre do próprio funcionamento interno da gramática interiorizada dos falantes. Deste ponto de vista, o que não é natural é expetativa de que as orações de tempo finito se comportem como os complementos nominais no que respeita à inserção da preposição. A não supressão da preposição não passa afinal de uma prescrição, uma construção imposta por gramáticos e especialistas da língua com base numa analogia que não terá fundamento na realidade.

Neste estudo, procuraremos testar esta hipótese com base na análise quantitativa de dados da fala espontânea provenientes de uma amostra representativa do português europeu contemporâneo.

3. Metodologia

3.1. O Corpus

A fim de investigarmos o fenómeno do queísmo na fala espontânea, servimo-nos do *corpus* recolhido e disponibilizado pelo projeto *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense* (PSFB), do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Financiado pela FCT, este projeto constitui a primeira base sociolinguisticamente controlada de dados de fala em Portugal, a partir de três variáveis de análise sociolinguística: o género, a idade e

a escolaridade, num total de 90 falantes entrevistados. Cada entrevista tem a duração de uma hora e versa sobre assuntos diferenciados.

Escolhemos 44 entrevistas do PSFB para integrarem o nosso *corpus* de pesquisa, a partir das quais recolhemos os dados necessários à investigação. Analisando a distribuição dessas entrevistas relativamente à variável GÉNERO, verificamos que 19 falantes pertencem ao género feminino e 25 ao masculino. Quanto à variável IDADE, o nosso *corpus* alberga 9 falantes da Faixa 1 (15-25 anos); 11 falantes da Faixa 2 (26-59 anos); 12 falantes da Faixa 3 (60-75 anos); e 12 falantes da Faixa 4 (> 75 anos). Por fim, no que respeita à variável ESCOLARIDADE, o nosso *corpus* é constituído por 8 falantes de Grau A (sem diploma, 0-3 anos de escolaridade); 12 falantes de Grau B (4-9 anos de escolaridade); 12 falantes de Grau C (10-12 anos de escolaridade); e 12 falantes de Grau D (licenciatura).

Estas duas últimas variáveis – idade e escolaridade – foram aquelas que controlámos e que utilizámos na nossa análise, e por isso, tínhamos intenção de que o número de falantes fosse exatamente igual nas diferentes faixas e graus; porém, tal não foi possível, uma vez que algumas entrevistas não foram ainda realizadas por não se terem encontrado indivíduos que correspondam ao perfil pretendido.

3.2. Método de recolha dos dados

De modo a recolhermos o máximo possível de construções queístas e não-queístas existentes nos enunciados produzidos pelos 44 falantes selecionados do *corpus* do PSFB, começámos por construir uma lista de itens lexicais(8) passíveis de ocorrerem nessas construções, ou seja, predicadores (verbais, nominais e adjetivais) que selecionam complementos oracionais oblíquos finitos. Ao todo, recolhemos e pesquisámos 174 itens lexicais – 77 verbos, 59 nomes e 38 adjetivos – que cumprem esta condição estrutural.

Dos 174 itens, apenas 43 (21 verbos, 20 nomes e 2 adjetivos) ocorreram no *corpus* acompanhados de complementos oracionais finitos, sendo que os restantes 131, ou não surgiram no *corpus*, ou ocorreram somente com complementos nominais e/ou complementos oracionais infinitivos.

A pesquisa de cada lexema foi possível graças à utilização da ferramenta EXAKT do programa EXMERaLDA (Schmidt & Hedeland, 2013), que permitiu encontrar todas as ocorrências de cada verbo, nome e adjetivo

(8) Os itens lexicais que constituem esta lista foram retirados, sobretudo, de trabalhos sobre queísmo e da *Gramática do Português* (2013).

presentes na transcrição do *corpus*, para depois se proceder, manualmente, à seleção daquelas que evidenciavam uma construção com um complemento oracional de tempo finito.

3.3. Questões de investigação

Através da análise das construções recolhidas a partir do *corpus* PSFB, procuraremos responder às seguintes questões:

i) Que construções são mais frequentes na oralidade: as queístas ou as não-queístas?
ii) Que categoria gramatical de predicadores (verbos, nomes ou adjetivos) apresenta mais construções queístas?
iii) Será que algumas preposições têm mais tendência a (não) serem realizadas do que outras? Se sim, quais?
iv) Será que o subtipo de verbo condiciona a presença/ausência da preposição? Se sim, quais condicionam a variável dependente mais fortemente?
v) Será que a (não) realização da preposição varia com a idade dos falantes?
vi) E será que varia com o seu grau de escolaridade?
vii) Será que o fenómeno do queísmo no "falar bracarense" (*corpus* PSFB) coincide com as tendências já observadas em outros *corpora* do português europeu (*corpus* REDIP[9])?

Por forma a responder às questões enunciadas, selecionámos, como variável dependente, a ocorrência ou não de preposição introdutora da oração completiva finita. Como variáveis independentes, foram selecionadas as seguintes:

i) variáveis linguísticas – categoria gramatical do predicador, preposição e subtipo de verbo;
ii) variáveis extralinguísticas – idade e escolaridade.

Para o tratamento estatístico dos dados servimo-nos do programa *Rbrul* (R Core Team, 2014).

(9) Resultados do *corpus* REDIP apresentados em Arim (2008).

4. Análise e Resultados

No nosso *corpus* foi identificado um total de 162 construções, queístas e não-queístas, com predicadores verbais, nominais e adjetivais que regiam uma oração completiva oblíqua finita. Destas, 80 ocorreram com verbos, 79 com nomes e 3 com adjetivos. A seguinte tabela permite clarificar a comparação entre o número de itens lexicais atestados em cada categoria no *corpus* e o número de construções que ocorreram com os mesmos.

Tabela 1. Número de itens lexicais e de construções atestados no *corpus*, por categoria gramatical.

Categoria gramatical	*Número de itens lexicais atestados*	*Número de construções*
Verbos	21	80
Nomes	20	79
Adjetivos	2	3
TOTAL	**43**	**162**

Destas 162 construções presentes no *corpus*, 136 revelaram ausência da preposição e somente em 26 se observa a presença da mesma. O gráfico 1 ilustra, precisamente, a elevada diferença percentual entre a realização de construções queístas e a realização de construções não-queístas, demonstrando que as primeiras são as mais produzidas pelos falantes.

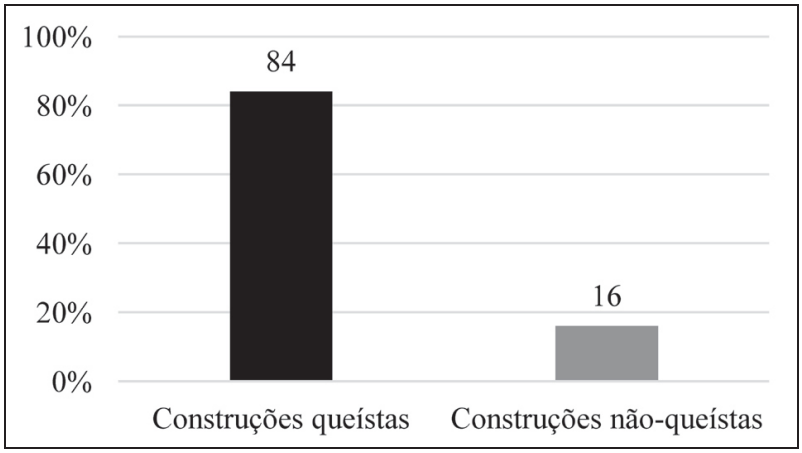

Gráfico 1. Percentagem de construções queístas e não-queístas presentes no *corpus*.

Estes dados globais revelam que as construções queístas são, de facto, muito frequentes na oralidade (representam mais de 80% de todas as construções com orações completivas oblíquas finitas), constituindo, portanto, um fenómeno bastante difundido e usual entre os falantes.

Na secção seguinte, apresentamos e discutimos os resultados relativos às variáveis linguísticas.

4.1. Variáveis linguísticas

4.1.1. Resultados da análise

Categoria gramatical do predicador

Iremos expor, neste ponto, os resultados relativos às construções queístas recolhidas do *corpus* no que respeita à sua distribuição por categoria gramatical dos predicadores. Assim, verificamos que, das 80 construções com predicadores verbais, 66 não apresentam preposição; tal como 68 das 79 construções com predicadores nominais e 2 das 3 construções com predicadores adjetivais. No gráfico 2, apresentamos (por ordem decrescente) os valores percentuais do fenómeno do queísmo para cada categoria de predicador, sendo os nomes aqueles que apresentam maior percentagem de construções queístas.

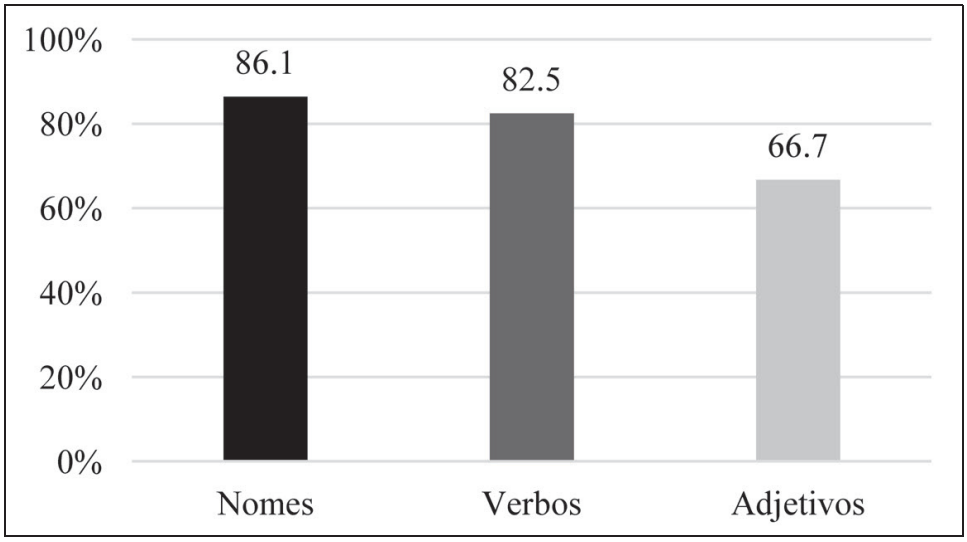

Gráfico 2. Percentagem de construções queístas por categoria gramatical do predicador.

Preposição

Neste ponto, exploramos a variável preposição e, por isso, começamos por apresentar, na tabela 2, o número de construções existentes no *corpus* relativas a cada uma das cinco preposições atestadas (*de*, *em*, *a*, *para* e *com*), sendo possível perceber que as construções com predicadores que regem (ou deveriam reger, teoricamente) a preposição *de* são aquelas com maior número de ocorrências.

Na tabela 3, podemos, ainda, observar a percentagem de construções queístas correspondente a cada preposição, o que nos permite constatar que a preposição *em* é aquela que apresenta o valor mais alto de ausência de preposição, ao contrário de *com*, que apresenta o menor valor.

Tabela 2. Construções, queístas e não-queístas, existentes por preposição.

Categoria gramatical	*Preposição*				
	DE	EM	A	PARA	COM
Verbos	61	6	6	5	2
Nomes	78	0	0	0	1
Adjetivos	2	0	1	0	0
TOTAL	**141**	**6**	**7**	**5**	**3**

Tabela 3. Construções queístas por preposição (%).

Categoria gramatical	*Preposição*				
	DE	EM	A	PARA	COM
Verbos	96.7	100	0	20	0
Nomes	87.2	-	-	-	0
Adjetivos	50	-	100	-	-
TOTAL	**90.8**	**100**	**14.3**	**20**	**0**

O gráfico que se segue pretende ilustrar os dados apresentados na tabela 3, dispondo, em ordem decrescente, os valores percentuais de construções queístas referentes a cada preposição.

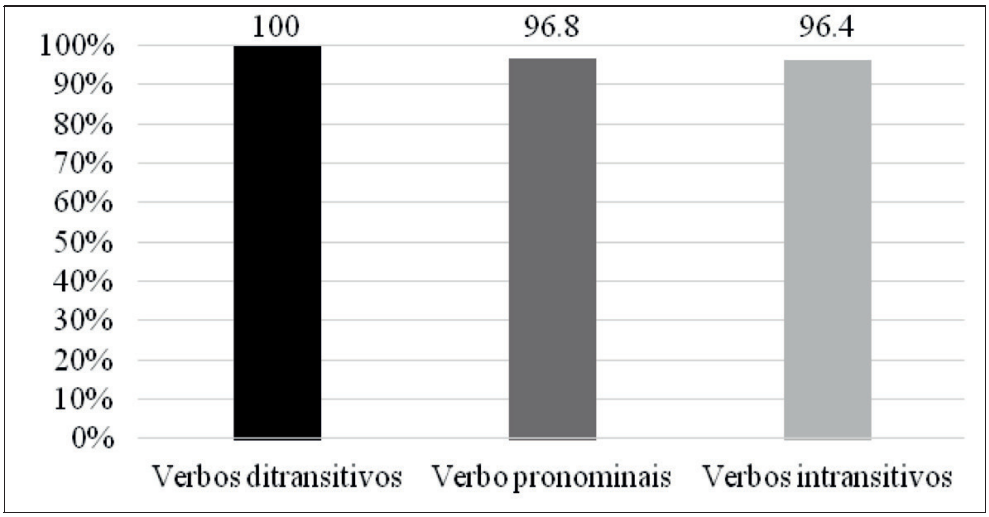

Gráfico 3. Percentagem de construções queístas por preposição.

Subtipo de verbo

Para melhor compreendermos o funcionamento e a variação da preposição *de* em complementos de predicadores verbais, classificámos os verbos que selecionam esta preposição em três subtipos: pronominais – como *lembrar-se* e *aperceber-se*; ditransitivos – como *informar* e *convencer*; e intransitivos – como *gostar* e *precisar*.

Apresentamos, então, na tabela 4, o número de construções queístas e não-queístas existentes no *corpus* relativas a cada um dos subtipos de verbo.

Tabela 4. Construções queístas e não-queístas por subtipo de verbo.

Subtipo de verbo	*Número de construções*		
	Queístas	Não-queístas	**Total**
Pronominal	30	1	**31**
Ditransitivo	2	0	**2**
Intransitivo	27	1	**28**
TOTAL	**59**	**2**	**61**

Transpondo a tabela anterior para valores percentuais, e observando o gráfico 4, percebemos que os verbos ditransitivos registam a maior percentagem de construções queístas (100%), seguidos dos verbos pronominais (96,8%) e dos intransitivos (96,4%).

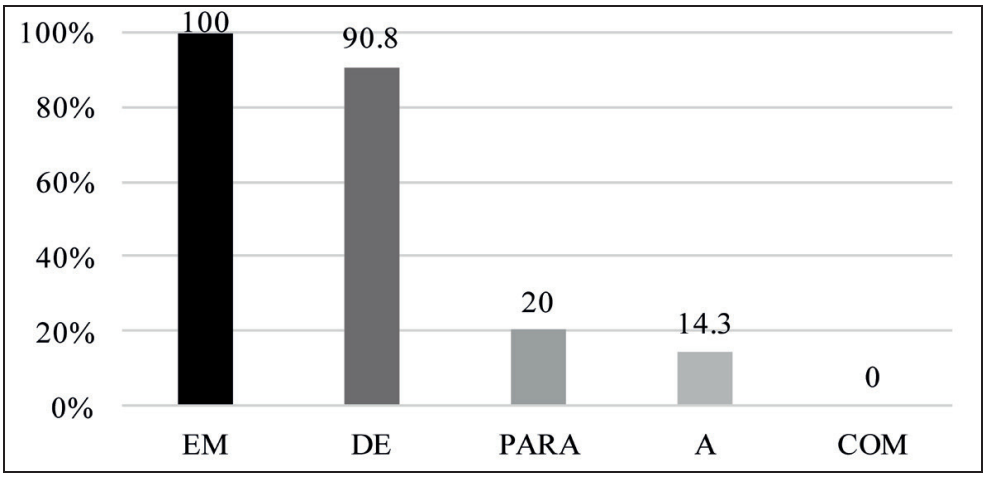

Gráfico 4. Percentagem de construções queístas por subtipo de verbo.

4.1.2. Discussão

No que respeita à distribuição do queísmo por CATEGORIA GRAMATICAL DO PREDICADOR[10], encontrámos os predicadores verbais e nominais com elevada percentagem de construções queístas. No entanto, os segundos obtiveram um valor ainda mais alto do que os primeiros, contradizendo a descrição de Barbosa (2013), segundo a qual a omissão da preposição com predicados nominais (e adjetivais) teria "um estatuto algo marginal relativamente à norma-padrão" (*idem*: 1891), quando comparada com a omissão da preposição em complementos de predicados verbais.

Neste sentido, é de salientar que, no que respeita aos predicadores nominais, a ausência de preposição é especialmente comum no contexto de perífrases formadas por um verbo suporte e uma expressão nominal, como se demonstra nos seguintes enunciados:

> "Dá-me a **impressão** *que até foi o Primeiro Ministro.*" (PSFB, 31H3D)[11]
> "Eles têm **noção** • • *que fazem isso"* (PSFB, 02H1B)
> "Também ninguém estava à **espera** *que aquilo acontecesse*, não é?" (PSFB, 70M3B)

(10) Dado que os valores absolutos relativos aos predicadores adjetivais são demasiado reduzidos (3 construções no total), entendemos não ser possível retirar conclusões seguras no que respeita a este contexto.

(11) De modo a identificar a entrevista e o perfil do falante que produziu determinado enunciado, colocámos, no final de cada exemplo, o número da entrevista, seguido do género (M-mulher/H-homem), da faixa etária (1-4) e do grau de escolaridade (A-D) do entrevistado.

"Ela estava sempre com **medo** *que eu apanhasse frio*" (PSFB, 16H2C).

Quanto à variável PREPOSIÇÃO, verifica-se que há duas preposições com maior tendência a não serem realizadas – *em* e *de* (com valores superiores a 90%) –, ao contrário de *para*, *a* e *com* (com valores até 20%), revelando-se, por isso, um fator crucial para o entendimento do fenómeno do queísmo. Observem-se alguns exemplos do nosso *corpus*:

EM: "Primeiro, eu não não **concordo** *que venham os estrangeiros mandar cá."* (PSFB, 87M4C)
DE: "(…) o homem que atropelou ficou **convencido** *que ele se dava/ que gostava muito da mulher*" (PSFB, 76M3B).
PARA: "**Contribuí** *para que ele saísse*, que não gostava dele" (PSFB, 62M2C)
A: "E isto **levou** *a que a cidade*, primeiro, *crescesse."* (PSFB, 43H4D)
COM: "O depósito fica cá em baixo, onde existe uma bomba que • • **faz** *com que a água circule*." (PSFB, 02H1B).

Os dados obtidos são, realmente, esclarecedores da importância da preposição selecionada pelos predicadores para o condicionamento da sua presença/ausência na oração completiva finita, na medida em que encontramos uma preposição com 100% de construções queístas – *em* – e outra com 0% de ocorrências sem preposição – *com*. Assim, podemos afirmar que o queísmo se verifica sobretudo "nos casos em que a preposição não tem um contributo semântico significativo" (Barbosa, 2013: 1890), como é o caso da preposição *de*, geralmente vazia de significado, e da preposição *em*, em contextos particulares como em *concordar em* ou *insistir em*:

"Mas **insistimos** *que gostávamos de entrar"* (PSFB, 19H2D).

De notar que as estruturas com a preposição *com* selecionada por predicadores verbais "constituem um caso especial" (Arim, 2008: 50), uma vez que, diante de complementos oracionais (finitos ou infinitivos), esta preposição é substituída por *em* (tal como acontece, por exemplo, com o verbo *concordar* (12)). É, por isso, possível que esta variação seja responsável pela não-realização da preposição *em* com argumentos oracionais finitos.

(12) a. O aluno **concordou** *com a professora.*
b. Os alunos **concordaram** *(em) que sairiam mais cedo.*

Por outro lado, também as construções com o verbo *fazer* "são muito particulares, pois, se em todos os outros casos abordados a preposição está presente diante de complementos nominais e não é realizada diante de complementos oracionais, aqui passa-se precisamente o inverso" (*idem*: 51):

(13) a. O chefe **fez** *isso.*
b. ??O chefe **fez** *que ele fosse demitido.*
c. O chefe **fez** *com que ele fosse demitido.* (*idem, ibidem*)

No exemplo (13c) a construção tem um sentido causativo ao qual não é alheio o emprego da preposição *com* em combinação com *fazer*, o que pode justificar a impossibilidade de supressão da preposição neste contexto.

Em síntese, os dados revelam que são as preposições puramente gramaticais que são omitidas, o que é compatível com a hipótese avançada na secção 2.2, segundo a qual a distribuição da preposição é regulada por uma restrição gramatical, nomeadamente o Filtro do Caso.

Relativamente à variável SUBTIPO DE VERBO, utilizada para compreender melhor o funcionamento da preposição *de* em complementos de predicadores verbais, não se verifica grande variação nem significativa diferença entre verbos pronominais, ditransitivos e intransitivos, pelo que não é possível afirmar que o subtipo de verbo condicione a presença/ausência de preposição.

Um fator que tem sido apontado como sendo determinante para a ocorrência de queísmo é o contacto sintático de construções (Arim, 2008: 57). Nesta perspetiva, os verbos pronominais e alguns verbos ditransitivos, como *lembrar* e *recordar*, deveriam obter resultados de queísmo (bastante) mais elevados do que os intransitivos, pois podem ocorrer em mais do que uma construção sintática. De facto, os verbos pronominais obtiveram, no nosso *corpus*, uma percentagem mais elevada de construções queístas (96,8%) do que os intransitivos (96,4%), mas esta diferença é demasiado ténue e insuficiente para justificar a hipótese do contacto sintático de construções. Por outro lado, os dois únicos verbos ditransitivos atestados no *corpus* (*avisar* e *ameaçar*), mesmo não possuindo um quadro de subcategorização alternativo, registaram 100% de queísmo:

"E vinha **avisar** as pessoas *que saíssem • • das casas"* (PSFB, 86M4C)
"Ele **ameaçava**-me *que me dava dois tiros."* (PSFB, 55M2A).

Deste modo, a possibilidade de maior ocorrência de construções queístas com verbos que admitem dois quadros de subcategorização diferentes não é comprovada no nosso *corpus*.

No caso dos verbos pronominais, é particularmente clara a correlação existente entre a presença da preposição e o Caso. É sabido que o pronome *se* recebe Caso Acusativo. Deste modo, o argumento interno de um verbo conjugado pronominalmente tem de ser forçosamente um oblíquo. Assim, sempre que o argumento interno é uma expressão nominal, a preposição *de* é obrigatoriamente inserida. Assumindo que as orações finitas não necessitam de Caso, compreende-se que a inserção da preposição seja desnecessária:

> "Ainda me **lembro** *que o Braga jogava cá com o Varzim*" (PSFB, 32H3D)
> "**Apercebi-**me *que estão a meter tubagens.*" (PSFB, 58M2B).

Alguns autores (cf. Mollica, 1989) consideram, ainda, que "são os verbos mais frequentes aqueles que mais ocorrem em construções queístas" (Arim, 2008: 57); assim, em relação aos verbos intransitivos, verificamos que, de facto, os mais frequentes dão conta da maioria das construções queístas: por exemplo, o verbo *gostar* representa 17 das 28 ocorrências com esse subtipo de verbos, apresentando 100% de construções queístas:

> "E eu **gostaria** *que essa lei mudasse*, por favor." (PSFB, 48M1B)
> "O pai também não **gostava** *que eles saíssem à noite*" (PSFB, 74M3C).

Dentro dos verbos pronominais, *lembrar-se, recordar-se* e *esquecer-se* representam a maior parte das construções com esse subtipo de verbo (23 em 31), sendo todas elas queístas:

> "**Recordo-**me *que fui ver a Pequena Sereia ao cinema.*" (PSFB, 64M2D)
> "E só se vê as pessoas pouco (…) antes de chegar o verão a começarem a correr, portanto **esquecem**-se *que passaram o inverno todo a comer.*" (PSFB, 09H1D).

4.2. Variáveis extralinguísticas

4.2.1. Resultados da análise

Idade

Expomos, agora, os resultados relativos às construções queístas recolhidas do nosso *corpus* no que respeita à sua distribuição por faixa etária. É, então, possível verificar, através da observação da tabela 5 e do gráfico 5, que os falantes entre os 60 e os 75 anos de idade são os que apresentam valores mais elevados de ausência da preposição, por oposição aos falantes com mais de 75 anos.

Tabela 5. Construções queístas por faixa etária (%).

Categoria gramatical	*Faixa etária*			
	Faixa 1	Faixa 2	Faixa 3	Faixa 4
Verbos	77.8	85.7	89.7	64.3
Nomes	90.9	88.9	90.7	68.8
Adjetivos	-	100	50	-
TOTAL	**85**	**86.8**	**89.2**	**66.7**

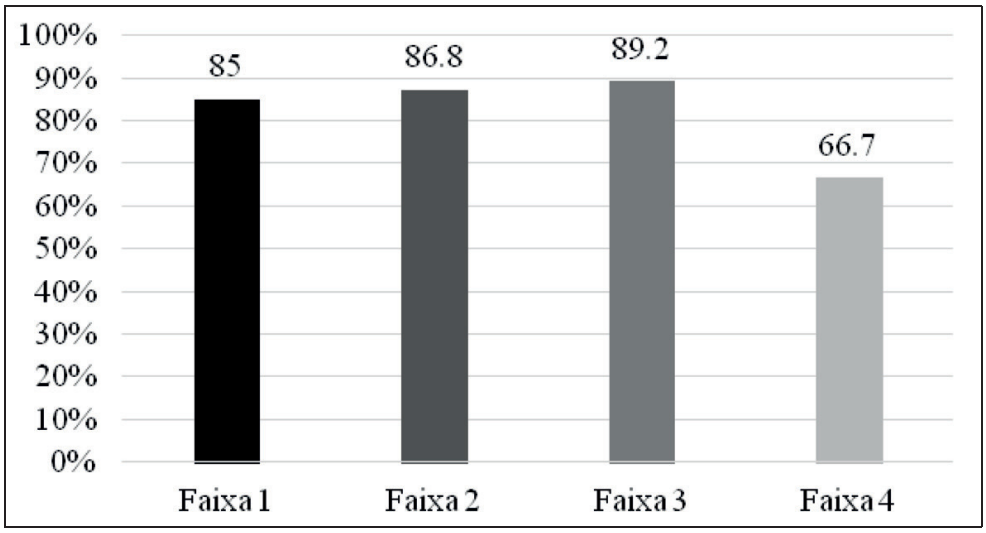

Gráfico 5. Percentagem de construções queístas por faixa etária.

Escolaridade

Relativamente às construções queístas recolhidas do nosso *corpus* no que concerne à variável escolaridade, podemos notar, pela observação da tabela 6 e do gráfico 6, que os falantes sem diploma (0-3 anos de escolaridade) são os que apresentam valores mais elevados de queísmo, por oposição aos falantes com licenciatura.

Tabela 6. Construções queístas por grau de escolaridade (%).

Categoria gramatical	*Grau de escolaridade*			
	Grau A	Grau B	Grau C	Grau D
Verbos	100	76.9	88	75.8
Nomes	87.5	94.1	87	80.6
Adjetivos	-	-	50	100
TOTAL	**94.1**	**86.7**	**86**	**78.5**

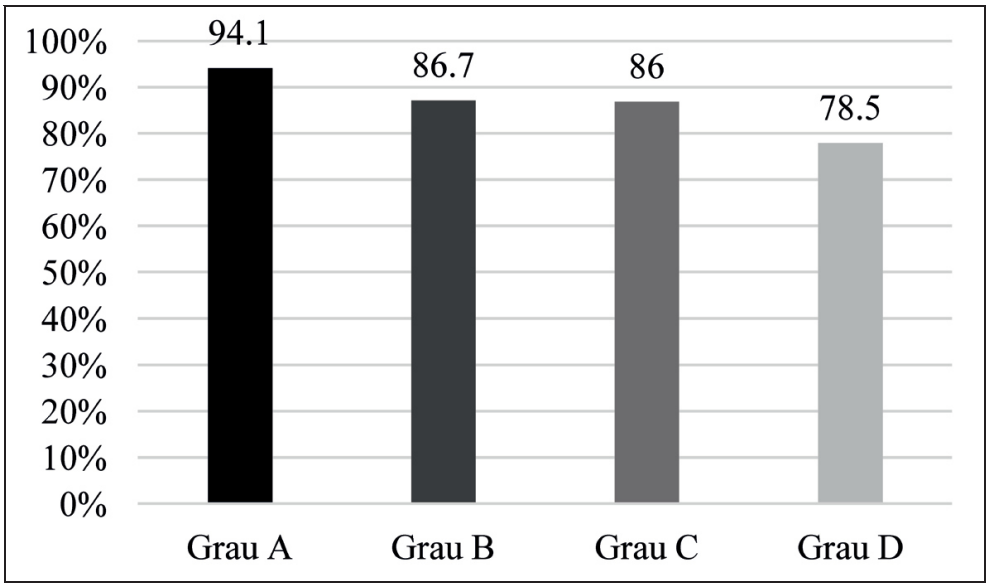

Gráfico 6. Percentagem de construções queístas por grau de escolaridade.

Finalmente, apresentamos, na tabela 7, as percentagens de construções reveladoras de queísmo no cruzamento de ambas as variáveis – idade e escolaridade.

Tabela 7. Construções queístas por faixa etária e grau de escolaridade (%).

Grau de escolaridade	*Faixa etária*				**TOTAL**
	Faixa 1	Faixa 2	Faixa 3	Faixa 4	
Grau A	-	100	91.7	100	**94.1**
Grau B	75	66.7	92.9	100	**86.7**
Grau C	90	90.9	82.4	83.3	**86**
Grau D	83.3	89.5	90.3	11.1	**78.5**
TOTAL	**85**	**87.2**	**89.3**	**66.7**	**84**

4.2.2. Discussão

No que concerne à distribuição do queísmo por **idade** e **escolaridade** dos falantes, verifica-se que os falantes da Faixa etária 4 revelaram uma menor percentagem de construções queístas (66,7%) do que os da Faixa etária 1 (85%) e que os falantes de Grau D demonstraram uma menor percentagem de construções queístas (78,5%) do que os de Grau A (94,1%).

Contudo, a variável idade não apresenta uma diferença muito significativa nas três primeiras faixas etárias (15-75 anos), e, curiosamente, os falantes das Faixas 2 e 3 apresentam valores de queísmo ainda mais altos do que os da Faixa 1.

Por sua vez, a variável escolaridade demonstra que os falantes não-escolarizados (Grau A) são, de facto, os que mais produzem construções queístas; porém, não se verifica grande diferença entre os dois graus intermédios (Graus B e C). Neste contexto, é sobretudo interessante observar que, no cruzamento de ambas as variáveis, o valor que se revela realmente significativo é o dos falantes de Faixa etária 4 (>75 anos) e de Grau D (licenciatura), que apresentam uma percentagem muito baixa de omissão da preposição (apenas 11,1%); todos os outros cruzamentos demonstram percentagens elevadas de queísmo. Verificamos, então, que a escolarização parece ter tido um grande impacto nos falantes com mais de 75 anos, pelo que pressupomos que as construções queístas eram, na época, alvo de correção sistemática em níveis escolares mais avançados. Tal torna-se evidente quando comparamos estes falantes aos falantes sem escolarização

ou com pouca escolarização da mesma faixa etária, que registam 100% de construções queístas. Esta observação permite concluir que não estamos perante um fenómeno de mudança linguística.

Posto isto, podemos confirmar que o fenómeno do queísmo é, de facto, muito frequente no discurso oral dos falantes bracarenses, ocorrendo tanto em falantes mais jovens como em mais velhos e mesmo em falantes escolarizados.

4.3. Comparação com o corpus *REDIP*

No que respeita à comparação dos resultados obtidos no nosso *corpus* com os do *corpus* REDIP[12] (Arim, 2008), observamos que, em ambos, o fator 'preposição' foi decisivo na presença/ausência de construções queístas; deste modo, as preposições *a*, *com* e *para* foram realizadas na quase totalidade dos casos em ambos os *corpora*; a preposição *em* "não ocorre em seis de sete construções" (*idem*: 56) no *corpus* REDIP, demonstrando elevada percentagem de queísmo, tal como no PSFB; quanto à preposição *de*, "verificou-se que existe uma forte tendência para a sua não-realização (86% dos casos)" (*idem, ibidem*) no *corpus* REDIP, embora seja inferior à verificada no *corpus* do PSFB (tal pode dever-se ao facto de o *corpus* REDIP incluir as construções produzidas em registo escrito, pois, como Arim conclui, o queísmo é menos frequente neste registo).

No que respeita ao subtipo de verbos que regem a preposição *de,* verificou-se, no *corpus* REDIP, que "as construções com verbos pronominais são predominantemente queístas (88% dos casos); com verbos ditransitivos, a variação observada não foi significativa; com verbos intransitivos, não foi identificado um único caso com a preposição realizada" (*idem, ibidem*); neste sentido, o fator 'subtipo de verbo' parece demonstrar-se mais significativo no *corpus* REDIP do que no nosso *corpus*. De qualquer forma, em ambos se obtiveram elevadas percentagens de construções queístas.

Assim sendo, entendemos que o fenómeno do queísmo no "falar bracarense" parece coincidir com a tendência geral do português europeu, embora não tenhamos ainda resultados deste fenómeno em função da idade e da escolaridade para falantes de outras regiões portuguesas, nem estudos aprofundados sobre o tema que nos permitam assegurar que o fenómeno se encontra presente, de forma semelhante, em todo o território nacional.

---

(12) É importante notar que o *corpus* REDIP se trata de um *corpus* de língua oral e escrita, pelo que os valores apontados em Arim (2008) incluem ambos os registos.

5. Conclusão

Como ponto de partida deste trabalho, propusemo-nos estudar o fenómeno do queísmo nas produções orais de falantes bracarenses, através de uma análise sociolinguística do fenómeno. Deste modo, podemos retirar algumas conclusões a partir da observação dos dados e dos resultados obtidos.

A primeira conclusão a registar é que, tal como se explica na *Gramática do Português*, "não existe paralelismo entre as orações completivas oblíquas de tempo finito e os sintagmas nominais oblíquos. Estes são sempre introduzidos por preposição; as orações podem exigir a presença da preposição ou admitir a sua supressão" (Barbosa, 2013: 1872). Pelo observado no nosso *corpus*, pudemos comprovar que a omissão da preposição foi, aliás, a opção preferida pelos falantes, tendo ocorrido em grande parte das construções (seja com predicadores verbais, nominais ou adjetivais).

Parece, então, que o argumento segundo o qual a regência de um verbo/nome/adjetivo deve ser generalizável a todas as estruturas em que ocorre é falível: "se se diz 'acredito nele', mas é agramatical dizer 'acredito em que ele é inocente', porque deverá a preposição estar presente numa construção como 'duvido que ele seja inocente'?", questiona, e com razão, Arim (2008: 59), no seu estudo sobre o queísmo. Este argumento, entre outros, leva a autora a colocar a hipótese de que "construções como 'gosto de que me elogiem' possam constituir preciosismos, devido a uma generalização abusiva, sendo nestes casos as variantes não-preposicionadas as canónicas" (*idem, ibidem*). A opinião da autora é, de facto, congruente com os dados que recolhemos no nosso *corpus*, uma vez que um grande número de itens lexicais (especialmente os que selecionam as preposições *de* e *em*) apresenta 100% de construções com queísmo, revelando, assim, que a opção queísta, não-preposicionada, é tida pelos falantes como a mais natural.

A segunda conclusão diz respeito à distribuição do fenómeno por idade e escolaridade. Tem sido referido que as construções sem preposição são, sobretudo, comuns entre os jovens e que são intuídas pelos falantes mais velhos ou mais escolarizados como um desvio à norma-padrão, apesar de também poderem ser encontradas na fala de pessoas com um elevado nível de instrução (cf. Barbosa, 2013: 1890, 1896). De facto, as gerações de falantes com menos de 75 anos demonstraram mais ocorrências de construções queístas; no entanto, a percentagem de queísmo é igualmente considerável nos falantes mais velhos, com mais de 75 anos (66,7%), evidenciando que a tendência para o queísmo é comum a todas as idades. Do mesmo modo se comprova que os falantes mais escolarizados também realizam frequente-

mente estas construções (78,5%). Assim sendo, não parece que os falantes, em geral, considerem as construções não-preposicionadas como um 'desvio à norma', nem mesmo os mais velhos ou os escolarizados (caso contrário, tentariam evitar produzi-las tão frequentemente) – a não ser, talvez, os falantes mais velhos *e* mais escolarizados, tendo em conta os resultados discutidos na secção anterior. Deste modo, concordamos com a opinião de Mollica (1995) quando refere que as formas queístas são pouco percetíveis por parte dos falantes; no entanto, não acreditamos que, nos dias de hoje, o fenómeno do queísmo constitua fonte de estigmatização linguística, como é defendido pela autora: "(…) eu categorizo as estruturas queístas como estigmatizadoras, embora pouco notadas pelos falantes (…)." (*idem*: 15).

Em síntese, importa reter que, em qualquer variável analisada (com exceção da variável 'preposição', que é realmente significativa) foram sempre obtidos valores de queísmo muito elevados, não se encontrando diferenças consideráveis entre predicadores, subtipo de verbos, faixas etárias ou graus de escolaridade.

A generalização e naturalidade do queísmo, bem como o facto de as preposições que mais se destacam serem as puramente gramaticais, tradicionalmente consideradas marcadoras de Caso gramatical, são fatores indicativos de que o processo subjacente ao fenómeno em apreço é estrutural e decorre de restrições impostas pela gramática interiorizada dos falantes. Por hipótese, os complementos oracionais de tempo finito, contrariamente às expressões nominais e às orações infinitivas, não necessitam de Caso, razão pela qual dispensam a inserção da preposição.

Com este estudo, esperamos ter disponibilizado informação de interesse para a compreensão do fenómeno do queísmo no falar bracarense e, por extensão, no português europeu. No entanto, reconhecemos a necessidade de se recolherem mais dados noutras zonas do país, para que se encontrem e estabeleçam, de facto, regularidades no funcionamento das construções queístas. Além disso, consideramos que não foram, naturalmente, esgotadas todas as hipóteses de análise do tema e que possa haver, ainda, outros aspetos e possibilidades merecedoras de um estudo mais pormenorizado e aprofundado, permitindo que outros caminhos analíticos sejam explorados no que concerne ao estudo do queísmo no português europeu hodierno.

Referências bibliográficas

Arim, E. (2008). Construções queístas no discurso dos meios de comunicação social portugueses. In M. Lobo & M.A. Coutinho (Eds.), *Textos Seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 47-60). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Barbosa, P. (2013). Subordinação argumental finita. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português*, vol. 2 (pp. 1819-1897). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Chomsky, N. (1981). *Lectures on government and binding*. (1ªed.). Dordrecht: Foris.

Chomsky, N. (1995). *The minimalist program*. (1ªed.). Cambridge, Mass.: MIT Press.

García, É. (1986). El fenómeno (de)queísmo: desde una perspectiva dinámica del uso comunicativo de la lengua. Comunicação apresentada no *II Congreso Internacional sobre el español de América*. Caracas: Instituto Universitario Pedagógico de Caracas. In P. Bentivoglio (Ed.). *Materiales especialmente reproducidos para uso docente en el seminario sobre el español de América* (pp.106-127). Caracas: Universidad Central de Venezuela.

Mollica, M. C. M. (1989). *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Dissertação de doutoramento, UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.

Mollica, M. C. M. (1991). (De)queísmo: variação em conexões intersentenciais. *Organon, 18*, 37-51.

Mollica, M. C. M. (1995). *(De) que falamos?* (1ªed.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ.

Peres, J. A., & Móia, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. (1ªed.). Lisboa: Editorial Caminho.

R Core Team (2014). *R: A language and environment for statistical computing* (versão 3.1.0) [computer software]. Viena, Áustria: R Foundation for Statistical Computing. URL: http://www.R-project.org/

Rabanales, A. (1974). Queísmo y Dequeísmo en el Español de Chile. In M. J. Tejera (Ed.), *Homenaje a Ángel Rosenblat en sus 70 años: Estudios Filológicos y Lingüísticos* (pp. 413-444). Caracas: Instituto Pedagógico.

Rabanales, A. (2005). Queísmo y Dequeísmo en el Español de Chile (versión corregida y aumentada). *Onomázein, 12*, 23-53.

Schmidt, T., & Hedeland, H. (2013). *EXAKT – EXMERaLDA Analyse & Konkordanz Tool*. (versão 1.2) [computer software]. Hamburgo: Hamburg Centre for Language Corpora. URL: http://www.exmaralda.org/en/tool/exakt/.